



30 MINUTOS DE HISTÓRIAS, UM PROGRAMA DE ENTREVISTAS

30 MINUTES OF STORIES, AN INTERVIEW PROGRAM

Gustavo Henrique Rubik (gustavohenrubik@gmail.com);
Mateus Freitas Borsatti (mateusfreitasborsatti@gmail.com);
Yasmin Fernandes (yasminfernandes406@gmail.com).
Universidade Federal de Santa Catarina

Isabela Martini Pereira
isa.martinipereira@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Relato de
Experiência

Resumo:

Esse artigo é composto por um relato de caso de um dos projetos de extensão do PET História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): o “30 minutos de histórias”. Um programa de entrevistas que surge durante a pandemia de COVID-19 como uma possibilidade de efetivar o tripé do Programa de Educação Tutorial: ensino, pesquisa e extensão. Abordando as temáticas de História Urbana de Florianópolis, Ensino de História, (Re)contando a história e Floripa Invertida, todas disponibilizadas no canal do Youtube “PET História UFSC” e demais redes sociais. O projeto obteve sucesso e que é um exemplo para outros PETs Brasil afora.

Palavras-chave: 30 Minutos de Histórias; Projeto de Extensão de Entrevistas; Programa de Educação Tutorial de História; História Pública.

Abstract:

This article is composed of a case report of one of the PET History extension projects at the Federal University of Santa Catarina (UFSC): “30 minutes of stories”. An interview program that emerged during the COVID-19 pandemic as a possibility to implement the tripod of the Tutorial Education Program: teaching, research and extension. Addressing the themes of Urban History of Florianópolis, Teaching History, (Re)telling history and Floripa Invert, all available on the YouTube channel “PET História UFSC” and other social networks. The project was successful and is an example for other PETs throughout Brazil.

Keywords: 30 Minutes of Stories; Interview Extension Project; History Tutorial Education Program; Public History.

1. Introdução

 “30 Minutos de Histórias” é um projeto de extensão do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em síntese, o “Trinta”, como foi carinhosamente apelidado, é um programa de entrevistas produzido inteiramente pelas petianas e petianos, desde as gravações, edição dos vídeos, até a divulgação do material pronto nas redes sociais. O programa foi idealizado durante a pandemia de COVID-19, e como as universidades estavam operando em modalidade remota, o meio virtual facilitou a efetivação de um dos tripés do PET, a extensão. Desde 2020, foram produzidas três temporadas e uma está em desenvolvimento. Os ciclos são: História Urbana de Florianópolis; Ensino de História; (Re)contando a História; e Floripa Invertida, este em fase de edição.

Neste artigo, abordamos o processo de produção do programa, aprofundando suas temáticas e os resultados alcançados com o intuito de inspirar outros PETs; pois acreditamos facilmente ser uma ideia adaptável para outras áreas. Pretende-se também, evidenciar as dificuldades enfrentadas durante a confecção das temporadas, empecilhos que, por um lado, fornecem experiência para o aperfeiçoamento dos vídeos ao longo dos ciclos. Além disso, o artigo terá fundamentação teórica a partir das leituras sobre história pública, visto que o projeto do “Trinta” ocupa um espaço relevante como exemplo desse fazer.

No artigo “História pública e virtualidade: experiências de aprendizagem híbrida no ensino de história” os historiadores Cláudia Regina Bovo e Marcos Sorrilha Pinheiro conceituam o que é história pública. Para os pesquisadores, para além de uma teoria, a história pública é uma prática, ou seja, um jeito de se fazer história para e junto do público. Eles argumentam que:

Essa prática é informada pela história disciplinar produzida nas escolas e universidades, mas tem como objetivo alcançar e se engajar com a comunidade mais ampla debatendo cultura, fornecendo serviços e facilitando o acesso à informação. Isso pode ser feito de formas variadas, como exposições, planos patrimoniais, podcasts e produção de mídias para redes sociais, mas também pela incorporação do debate sobre o resultado da informação ou conhecimento histórico mobilizado nesses tipos de mídias e espaços (BOVO, PINHEIRO, 2019, p. 125).

No entanto, para além da perspectiva teórica, consideramos que a experiência vivida pelas petianas e petianos durante a confecção do Trinta foi crucial para o enriquecimento do relato de caso.

2. Descrição da experiência

2.1 O processo de produção das temporadas

O programa “30 Minutos de Histórias” nasce a partir de um projeto de rodas de conversas temáticas que já vinha sendo realizado pela equipe do PET. Quando a pandemia de COVID-19 restringe as atividades presenciais, as rodas de conversas se transformam em um programa de entrevistas disponível no Youtube, no Instagram e transmitido pela TV UFSC. A primeira temporada, uma espécie de ciclo piloto, teve como temática a História Urbana de Florianópolis, e contou com três integrantes na sua elaboração. Os temas dos episódios foram pensados a partir dos projetos individuais dos integrantes e articulados com a temática principal. Como o “30 Minutos” é um dos projetos do PET História UFSC, uma comissão responsável foi criada, funcionando por meio de reuniões para tomada de decisões; estas que, posteriormente, eram expostas para o grupo geral do PET.

As etapas de produção foram distribuídas em: definição do tema e dos objetivos; organização do calendário; articulação e contato com entrevistados; roteirização e documentação; gravação; transcrição do áudio; edição; produção das artes de divulgação e postagem dos episódios. As ferramentas utilizadas foram o StreamYard (captura de áudio e vídeo das entrevistas); Davinci Resolve (editor de vídeo); Canva (produção de artes e posts para internet); Instagram (divulgação) e Youtube (postagem dos episódios). Por conta de seu caráter experimental, não houve uma elaborada organização, de forma que todos os integrantes faziam um pouco de cada etapa. Com a boa recepção do público, uma nova temporada foi arquitetada.

As experiências obtidas na temporada anterior compuseram uma expertise que facilitou e melhorou todo o processo de produção da temporada seguinte. O segundo ciclo teve como tema central o Ensino de História, e também foi realizado em modalidade remota. Desta vez, a produção, agora como um projeto fixo do PET, contou com cinco integrantes e seu processo durou doze semanas. Houve uma melhor organização e distribuição de tarefas, algo que garantiu os prazos, a qualidade e os objetivos que o projeto demandava. A organização foi dividida em três comissões: 1. Articulação: comunicação entre a comissão do 30 Minutos e o PET, contato com a TV UFSC, articulação com os convidados e elaboração de atas e formulários; 2. Logística e Técnica: construção de roteiro, elaboração de documentação oficial (atas e formulários) e material de apoio, direção das gravações e transcrições, montagem de cronogramas e elaboração dos textos para créditos; 3. Comunicação: confecção de artes e textos de divulgação, postagens das artes e descrições nas redes sociais, texto para postagem dos vídeos, edição e divulgação. De tal forma, sucedeu-se a produção da terceira temporada (Re)contando a História, que também foi produzida e distribuída de forma remota.

Na quarta temporada, Floripa Invertida, houve diversas mudanças. A primeira delas foi o retorno às atividades presenciais. Algumas dificuldades se impuseram, já que produzir entrevistas presencialmente requer equipamentos de filmagem e captação de áudio, local de gravação adequado e o deslocamento dos integrantes e do entrevistado ao espaço físico. A gravação dos episódios se deu num dos estúdios do Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som da UFSC (LAPIS), através de câmeras de celulares posicionados sob tripés e dois microfones, um para o entrevistado e outro para o entrevistador. Outra mudança significativa ocorreu com quadro de integrantes do PET, este sendo, em boa parte, renovado, de forma que metade das pessoas responsáveis pela produção da quarta temporada não tivessem experiência alguma. A troca de conhecimento entre os novos componentes e os já experientes foi um espaço enriquecedor de aprendizado.

O processo de produção e organização se deu de forma semelhante às temporadas anteriores. Uma comissão do 30 Minutos foi formada dentro do PET; as etapas (articulação, técnica e comunicação) foram distribuídas em duplas. A temática dos episódios foi distribuída por interesses de cada dupla — contando com um integrante da comissão do 30 e outro do grupo geral do PET —, que deveria estudar o tema, construir um roteiro, fazer uma reunião prévia com os entrevistados no intuito de contextualizar o Programa, o tema e o conteúdo das perguntas e realizar a entrevista. A execução das entrevistas contou com a participação de, além dos integrantes responsáveis por cada episódio, da equipe técnica, que organizou o estúdio e posicionou as câmeras e os microfones. Durante a entrevista e com o fluxo da fala é muito difícil mensurar o tempo, dessa forma plaquinhas informativas foram confeccionadas para operar um controle. Elas orientavam o entrevistado a respeito do tempo restante para cada resposta e de quando ele deveria concluir a fala. Além das plaquinhas, diante da ausência de um teleprompter, fichas de apresentação também foram feitas para que o entrevistado pudesse consultar as perguntas. A produção dessa temporada foi prolongada tendo em vista a grande quantidade de atividades executadas pelo grupo do PET, assim o tempo de produção está estimado em oito meses, desde a primeira reunião até a postagem final, que ocorrerá no primeiro semestre de 2024.

Portanto, a trajetória do programa “30 minutos de histórias” reflete as adaptações que as universidades tiveram de operar diante dos desafios impostos pela pandemia, e também o amadurecimento constante do projeto. Das suas origens como rodas de conversas temáticas à transformação em formato de entrevistas, cada temporada se revelou um aprendizado valioso para os integrantes. O amadurecimento do processo de produção, visível na organização das etapas, resultou em temporadas progressivamente mais refinadas. O retorno às atividades presenciais e a renovação do quadro de integrantes trouxe novos desafios. A diversidade de temas abordados, da

História Urbana ao Ensino de História, destaca a versatilidade do projeto. À medida que os feedbacks positivos do público foram surgindo, impulsionando o planejamento de novas temporadas, tornou-se evidente como o programa figurou como meio dinâmico de discussões históricas, evidenciando o potencial educativo e informativo do mesmo. Além disso, a produção desse tipo de conteúdo impacta diretamente na formação dos discentes ao proporcionar a aquisição de diversas habilidades, como organização de projetos; comunicação; produção de conteúdo audiovisual; produção de conteúdo para a internet; roteirização; trabalho em equipe e gestão do tempo.

2.2. As discussões abordadas nas temporadas

Na primeira temporada do projeto “30 Minutos de Histórias”, tivemos como foco de discussão a temática “História Urbana de Florianópolis”, resultando na criação de cinco episódios que buscaram lançar um olhar sobre os sujeitos marginalizados no processo de construção da capital catarinense. O primeiro episódio abordou a arqueologia em Florianópolis com o convidado Lucas Bueno; o segundo tratou do Projeto Santa Afro Catarina com André Passos; e os demais episódios são “Um olhar preto sobre a arte e a cultura em Floripa com Cia Nosso Olhar”; “Um olhar sobre o grafite e a pichação com MARIA e LIXO”; e “Penitenciária Pedra Grande e a cidade de Floripa com Lucas Baccin”.

Já na segunda temporada, o tema discutido foi o "Ensino de História", tendo como objetivo analisar a atuação dos professores de História; examinar os desafios da educação durante a pandemia, desde o ensino básico público até a educação de jovens e adultos em unidade prisional, destacando as variações no ensino e também na prática pedagógica. A temporada é composta por seis episódios, explorando diversos contextos educacionais, como o Ensino Básico com a prof^a. Carina; Colégio de Aplicação com o prof. Eduardo; Educação indígena com o prof. Walderes; Educação especial com o professor Marco; o Pré-vestibular com o professor Bruno e o EJA: educação de jovens e adultos em unidades prisionais com a professora Fabiane.

A terceira e última temporada concluída do Trinta, intitulada “(Re)contando a História”, discutiu a temática do negacionismo histórico com o objetivo de repensar falsidades históricas e manipulações políticas do passado sobre diversos momentos da história, contando como entrevistados os professores do departamento do curso de História da UFSC. O ciclo apresentou episódios como: “(Re)contando a História Antiga” com o prof. Fábio Morales; “(Re)contando a História Medieval” com a prof^a. Aline Silveira; “(Re)contando a História da escravidão africana” com o prof. Waldomiro; “(Re)contando a História da América” com o prof. Waldir Rampinelli;

“(Re)contando a História Indígena” com a prof^a. Juliana Salles Machado; e “(Re)contando a História da Ditadura Vargas” com o prof. Paulo Pinheiro Machado. Sendo uma das temporadas mais bem-sucedidas, o projeto pôde ser reconhecido por futuros estudantes do curso de História da UFSC que desejavam conhecer seus professores, podendo encontrá-los facilmente ao pesquisar por seus nomes no YouTube. Assim, percebemos ainda mais a interatividade e o acesso de conteúdos e temáticas de dentro para fora da universidade, principal contribuição do programa do PET História.

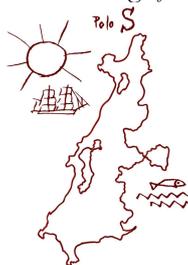
Figura 1. Playlists das temporadas dos 30 minutos de histórias



Fonte: Acervo do grupo PET

Atualmente em produção, a quarta temporada, intitulada “Floripa Invertida”, tem como objetivo expor realidades muitas vezes negligenciadas da cidade conhecida como a “Ilha da Magia”, mas que, contrariamente, restringe acessos e mascara sua desigualdade, resultando em um lugar de luta e resistência por reconhecimento. Propomos destacar as lutas dessas pessoas, abordando temas como a comunidade LGBTQIAPN+, os territórios negros, as práticas de higienização, o Parque Estadual do Rio Vermelho e o seu reflorestamento com pinus, o povo indígena que habita a Casa de Passagem Goj Ty Sá e os murais urbanos do centro. A intenção dessa temporada é fortalecer e destacar a constante luta dessas pessoas e o que os espaços podem contar sobre a cidade. Portanto, o intuito é discutir os lados que geralmente são subalternizados e invisibilizados.

Figura 2. Releitura da obra América Invertida de Torres García com a cartografia de Florianópolis/SC, arte que será usada como divulgação da quarta temporada



Fonte: Acervo do grupo PET

2.3. O Trinta como história pública

O “30 Minutos de histórias” está inscrito no campo da história pública, metodologia muito discutida no PET História da UFSC. Com o avanço de mídias digitais e a internet cada vez mais incrustada no cotidiano, seria inevitável que o acesso e o fazer historiográfico passassem por reconfigurações também. Não que a operação historiográfica, como discute Michel de Certeau, sofreu uma grande alteração, mas para o historiador alcançar um novo espaço e um novo público, ele precisou e precisa se adaptar a esse meio. Acessar a história pelo digital pode conjurar fatores positivos e negativos. Jill Liddington (2011), pensando no âmbito privado, relaciona como as variadas mídias podem fornecer um contato enriquecedor e diversificado a partir de suportes distintos, como filmes, séries e podcasts. São meios que tornam compreender o passado e a busca por uma consciência histórica (RÜSEN, 2007) que fuja do engendramento academicista. Por outro lado, Liddington reconhece que esses conteúdos podem levar à absorção passiva de narrativas problemáticas por produções que não possuem embasamento histórico fundamentado e profissional.

Ainda dentro dessa problemática, o advento de um mundo cada vez mais digital, facilita a produção de conteúdos históricos por qualquer pessoa, como canais no YouTube e blogs. Acessar e produzir história nunca se tornou tão fácil e simples, inundando o ciberespaço com uma infinidade de conteúdos que quase sempre fogem de metodologias historiográficas. Bem verdade que essa dinâmica torna o conhecimento histórico mais difundido e acessível, porém a qualidade desses materiais foge de ser verificada, especialmente pela ampla quantidade de conteúdos produzidos e divulgados: é um espaço em constante alimentação. Sobre isso, Bruno Leal Pastor de Carvalho (2018) insere a discussão a respeito da autoridade do historiador no mundo digital: é possível falar nisso? Para além de ditar o que é certo ou errado, essa autoridade diz mais sobre o manuseio de métodos e a construção historiográfica a partir de conceitos, a crítica documental e a avaliação por pares. Carvalho reconhece que, anterior ao processo de difusão das redes, o historiador mantinha posição central no acesso ao passado, mas com o avançar delas, essa posição tem sido eclipsada, não marginalizada, por uma infinidade de usuários que agora não são apenas consumidores, mas também produtores de conteúdo.

Compreendendo o funcionamento da internet, Carvalho assinala dois fatores que possibilitam o sucesso de conteúdos na rede, estes que, segundo o autor, o historiador ainda não domina por completo:

[...] 1) a capacidade de alcançar grandes audiências, o que parece por si só, revestir o produtor de discurso de credibilidade diante do grande público; e 2) a capacidade de dominar a nova linguagem digital, garantindo presença no “espaço

público” virtual e sendo eficaz na comunicação com a ampla audiência” (CARVALHO, 2018, p. 173).

Outras visões pretendem situar a história pública muito mais do que a produção historiográfica para o público. Afinal, não é muito difícil inscrever qualquer prática nessa metodologia, já que o historiador produz uma narrativa disponibilizada tanto para seus pares, quanto para o público geral. Assim como, o ensino se configura como história pública por firmar uma troca de conhecimentos entre docentes e discentes a partir de perspectivas individuais e coletivas. No entanto, pensar e produzir um material que corresponda aos preceitos da história pública é uma relação diferente pelos direcionamentos e metodologias seguidas para fazê-lo. Além disso, a história pública pode ser entendida como uma forma de trabalhar a história local e regional, apresentando os documentos, as imagens e as pessoas do passado da cidade ou comunidade (ZAHAVI, 2011, p. 53-64).

Ricardo Santhiago (2018) circunscreve a história pública como um campo que possibilita a resposta de questões presentes, momento que o historiador se volta para o cotidiano e, embasando-se num movimento de relações entre passado e presente, fornece indicativos para o funcionamento da sociedade contemporânea. Junto dessa perspectiva, ele categoriza a história oral, a educação histórica e a história digital como principais meios de desenvolvimento da história pública no Brasil. Isso porque, a partir desses espaços, cria-se um contato mais direto com o público, permitindo que ele seja “[...] reconhecido enquanto interlocutor válido — e autônomo, é importante frisar — na elaboração de interpretações sobre o passado, em uma atitude de reconhecimento de experiências e expertises (SANTHIAGO, 2018, p. 328).

Compreende-se que, produzir um material direcionado para o meio digital não é o mesmo que escrever um artigo ou um trabalho guiado por preceitos academicistas. E isso não desqualifica a produção de um historiador que se volta para esse espaço cada vez mais necessário de participação, é somente o entendimento de como as redes funcionam e o que é preciso fazer para tornar a narrativa proposta acessível e reprodutiva, não eliminando, é claro, os métodos que regem uma produção historiográfica comprometida com a profissão. Assim discutem Ana Maria Mauad e Fernando Dumas:

A escrita videográfica da história (ou video-história) é uma narrativa fílmica dos resultados de uma operação histórica que mantém os requisitos acadêmicos consagrados para a produção historiográfica. Ela se constrói a partir de determinados princípios teóricos e metodológicos, que, todavia, não se constituem em limites ao trabalho do historiador porque, justamente, trata-se da produção da narrativa, e não da instituição de um novo canteiro da história (MAUAD; DUMAS, 2011, p. 81).

Fugindo dessa necessária compreensão do ciberespaço, a participação de historiadores nele fica restrita à transposição da pesquisa para um conteúdo digital, o que é improdutivo porque a publicação nas redes não foi pensada junto do processo de pesquisa e escrita, ficando somente como processo final para publicizar o trabalho. Mauad e Dumas (2011) apresentam o conceito de “texto videográfico”, definindo esse suporte como um meio de apresentar o conteúdo historiográfico em um modo alternativo ao papel, possuindo também uma linguagem atualizada. Nessa lógica, um dos tipos de textos videográficos é definido pelos autores como “vídeo-história”. Seja qual for o modo de produção desse material, como a utilização de vídeos realizados por terceiros ou a produção de entrevistas e gravações autorais, o vídeo-história desenvolve o conhecimento histórico a partir de uma articulação de diferentes elementos expressivos, como visuais, verbais e sonoros.

Enxergamos o “30 minutos de histórias” como uma construção conjunta com o público, modo pelo qual a história pública é pensada, ou seja, não apenas expor o conteúdo, mas estruturar e construir com indivíduos externos, fora da academia. Sendo um programa de entrevistas, os contatos mediados possibilitam a interação com pessoas da comunidade, como profissionais de áreas variadas, caso da nossa primeira temporada, e professores de modalidades de ensino, como na segunda edição. Todas essas comunicações unem saberes diversos, ajudando a ampliar percepções sobre a história, seja do passado ou do tempo presente, como discute Rüsen ao abordar o conceito de aprendizado histórico. O objetivo deste projeto é, assim, estabelecer uma comunicação mais direta entre a universidade e o público externo.

Cláudia Regina Bovo e Marco Sorrilha Pinheiro (2019), ao discutirem sobre a tecnologia nos processos educacionais, identificam as qualidades e os defeitos do avanço dos conteúdos digitais no ensino de História. Segundo eles, é inviável e nem podemos desconsiderar o aumento da informação nas mídias e como esse avanço pode gerar um descompasso entre o universo escolar e o universo do aluno. Por outro lado, a inserção de concepções de história pública no ensino é um caminho para abrandar a questão, especialmente conteúdos produzidos digitalmente tendo como suporte as mídias sociais. Acredita-se que o “30 minutos de histórias” é um espaço importante como exemplo desse fazer, além de instrumento para um ensino de história crítico, coerente e inclusivo. Representa, também, a inserção de profissionais, ou, no nosso caso, futuros historiadores, ocupando o ciberespaço, lugar cada vez mais debatido e procurado para se acessar a história.

Além das evidentes relações com a história digital, passando por processos que devem alterar a linguagem empregada e o formato do conteúdo, nosso projeto está enraizado quanto história pública pela relação com os entrevistados e o público telespectador. Indo além de um

material de qualidade produzido e pensado para atingir uma audiência concentrada, principalmente, no Instagram, os eixos da história pública se constatarem também pela participação da comunidade externa como entrevistados. Na nossa primeira temporada trabalhamos com a temática da história urbana em Florianópolis, e para isso, trouxemos profissionais de fora da universidade, como artistas de rua fornecendo suas próprias percepções sobre a cidade. Já o caso da segunda temporada evocou uma questão presente e do calor da hora: o ensino básico durante a pandemia, trazendo como entrevistados professores da rede pública para debater como estava ocorrendo o ensino-aprendizagem diante dos desafios pandêmicos.

Observamos que as entrevistas possibilitam uma interação produtiva que extrapola o caráter informacional, permitindo uma abordagem crítica a respeito dos temas discutidos. Assim como, a diversidade de temáticas permite a elaboração da consciência histórica, ou seja, o conjunto de operações mentais que possibilitam a interpretação da experiência temporal, dando sentido à vida prática dos sujeitos, tanto para quem produz, quanto para a audiência (RÜSEN, 2007). Pegamos a quarta temporada, em fase de edição, enquanto este trabalho é produzido, como exemplo. Nela, discutimos pessoas e espaços invisibilizados pela história oficial de Florianópolis, contextos agravados, principalmente, pelo crescimento urbano e, com isso, o que deve ou não fazer parte da comunicação como cidade turística, por exemplo. Tendo como título “Floripa Invertida”, tratamos, em seis episódios, temáticas que abordam a questão ambiental, presença indígena, cultura negra, processos de higienização, comunidade LGBTQIAPN+ e arte urbana, abordando o aspecto diverso da cidade e como esses espaços e pessoas se sentem inseridos na sociedade florianopolitana. A ação da consciência histórica é percebida nesse movimento que fornece essa outra perspectiva sobre a cidade de Florianópolis, engajando, nessa relação, a comissão do “30 minutos”, os entrevistados e o público que atingimos. É também nesse espaço que sujeitos podem se reconhecer enquanto pertencentes a uma comunidade e como eles lidam com a experiência no tempo presente, mobilizando conceitos e signos que atribuem sentido à sua realidade.

Compreendemos o “30 minutos de histórias” também como um programa voltado para questões do tempo presente, como aponta Santhiago (2018), ao delegar à história pública esse papel de relevância. Em todas as temporadas, notamos esse fator. No terceiro ciclo, “30 minutos de histórias — (Re)contando a História”, entrevistamos professores e professoras do curso de História da UFSC, visando discutir negacionismos, falsidades históricas e manipulações políticas do passado sobre os diferentes momentos da história: História Antiga, História Medieval, História da escravidão na América, História da América, História Indígena e História da Ditadura Vargas. Percebemos a temporada como relevante devido à intensa manipulação que momentos históricos

são utilizados tanto para deslegitimar movimentos sociais, quanto para engrandecer uma cultura em relação à outra.

Além disso, em 2022, muitos discursos políticos surgiram devido às eleições presidenciais, se apossando de elementos e signos do passado e os deturpando para favorecer partidos e ideias — como a cavalaria medieval apropriada pela direita brasileira enquanto símbolo de grandeza e superioridade branca, um claro saudosismo da Idade Média construído a partir de concepções contemporâneas. A história pública tem peso nesse sentido, fornecendo perspectivas sobre contextos atuais e os debatendo criticamente, mas com uma linguagem e meios destinados para as redes, aqui relacionando também com a história digital, já que a história pública não se restringe unicamente a esse espaço.

O “30 minutos de histórias” têm sido um programa enriquecedor para os realizadores, que se dispõem a explorar novas áreas de atuação, como a edição de vídeo, técnicas de filmagem, design de artes para redes sociais, pesquisa, roteirização, transcrição e publicação — mas um déficit é aparente quando não possuímos disciplinas que atendam funções como essas que podem ser complexas sem o mínimo de tempo que o PET, enquanto programa, permite. Sem essas funcionalidades, a atuação do historiador no mundo digital fica complexada sem apresentar um domínio, por menor que seja, de edição de vídeo e funcionamento das redes, por exemplo. Percebe-se, portanto, que a história pública, é também desafiante nesse sentido profissionalizante e de formação, carecendo de espaços destinados ao desbravamento de novas plataformas que o historiador pode participar. Por outro lado, a interdisciplinaridade com pessoas de outras áreas pode ser um caminho, como apresentam Mauad e Dumas (2018). Enriquecedor também em relação ao público que demonstra sua satisfação através do engajamento com os conteúdos e pela forma que eles se relacionam com as temáticas, percebendo sua relevância e seu impacto para a contemporaneidade.

Outro espaço de história pública possibilitado pelo “30 minutos”, é visto como recurso a ser utilizado em salas de aula do ensino básico. Isto porque, discutimos uma gama de assuntos relevantes socialmente para o presente, muitos ausentes de planos de ensino e materiais didáticos, fornecendo, nessa relação, perspectivas outras sobre a história e conjugando o digital à sala de aula como recurso possível de aprendizagem. Assim, acreditando no poder mútuo do ensino, em que os conhecimentos da universidade se fundem aos conhecimentos do seu externo, o “30 minutos de histórias” expande os saberes acadêmicos para além do campus, ocupa salas de aula em que digital desempenha papel cada vez mais ativo na educação e possibilita a realização da extensão pelo diálogo com pessoas de fora da academia nas entrevistas, relacionando-se com a história pública a partir do digital, do audiovisual, da oralidade e do ensino.

4. Conclusão

No decorrer do artigo, percorremos o processo de produção dos vídeos do “30 minutos de histórias”, um programa que nasce a partir de um evento pandêmico. Superando as dificuldades enfrentadas e resultado de um competente trabalho em equipe e de cooperação, novos conhecimentos são adquiridos e novas redes de conversa e discussão são abertas. Falamos também sobre as temáticas que foram abordadas ao longo dos anos de gravação, totalizando vinte e três episódios — contando com a temporada que está para ser lançada — indo de História Urbana, passando pelo Ensino de História, o (Re)contando a História e, finalmente, chegando no Floripa Invertida. É interessante abrirmos um parêntese para reconhecermos que as escolhas dos temas nunca foram aleatórias, as circunstâncias sociais e políticas foram essenciais para guiar nossas prioridades de debate.

Além disso, o PET História da UFSC inicia uma argumentação sobre a importância de se fazer história pública, tendo com o “30 minutos de histórias” um exemplo desse fazer. Isso faz com que se possa efetivar os tripés do Programa de Educação Tutorial: ensino, pesquisa e extensão, e ir além disso, chegando ao público de fora da universidade e ao ensino básico de História. Com o advento da internet e o desenvolvimento das mídias digitais seria praticamente impossível que a área da História não fosse impactada e reconfigurada. Sem dúvidas é necessário ficar atento aos aspectos positivos e negativos do uso da tecnologia na educação e no conhecimento histórico. A história pública, portanto, serve para amenizar os efeitos negativos. A modalidade de entrevista, lida como documento histórico, possibilita uma abordagem crítica que perpassa conflitos sociais e políticos do seu contexto. Permite ao expectador elaborar a consciência histórica, ou seja, o conjunto de operações mentais que concedem interpretar a experiência temporal como História e dar sentido à vida prática das(os) sujeitas(os) (ABUD, 2003; RÜSEN, 2007).

Cabe mencionar que o projeto desenvolvido pelo PET História da UFSC foi avaliado com sucesso, pois acreditamos que seus objetivos foram alcançados. Sobretudo, o maior contato do PET História para com a sociedade ao democratizar o conhecimento histórico através dos vídeos. São vários os aprendizados do grupo ao longo do projeto, desde a cooperação entre os participantes até mesmo as aprendizagens mais técnicas, como o processo de confecção dos vídeos, que inclui a elaboração de roteiro, convite do(a) convidado(a), legenda de falas, escolha de vinheta e trilha sonora, etc. Chegamos a conclusão ainda de que trabalhar continuamente em um projeto é muito positivo pelo fato de aprendermos com os nossos erros e acertos, com isso o projeto vai se aprimorando e tornando mais fácil o processo de realização. Portanto, o “30 minutos de histórias” surge e se concretiza como uma possibilidade de projeto de extensão e consideramos que ele pode servir de sugestão para qualquer Programa de Educação Tutorial do país.

Referências

ABUD, Kátia Maria. A Construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*, São Paulo, v. 22, n. 1, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742003000100008>.

BOVO, Cláudia Regina; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. História pública e virtualidade: experiências de aprendizagem híbrida no ensino de História. *Revista História Hoje*, v. 8, nº 16, 2019, p. 113-134. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742003000100008>.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Org.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 169-174. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2020.e68243>.

CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.) *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31-52.

MAUAD, Ana Maria; DUMAS, Fernando. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: Novos métodos e possibilidades narrativas. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.) *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 81-96.

PET História UFSC. 30 Minutos de histórias - S01 - História Urbana. YouTube, 08 de novembro de 2020. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PL1IStPFCM0oOsHrdgAFo1qh8n5l90_yDb.

PET História UFSC. 30 Minutos de histórias - S02 - Ensino de História. YouTube, 13 de maio de 2021. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PL1IStPFCM0oOJD_-Vh25MAf0l9CrX_kTW.

PET História UFSC. 30 Minutos de histórias - S03 - (Re)contando a História. YouTube, 13 de janeiro de 2022. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PL1IStPFCM0oMQsAM0NI_lguG4T0cNpP0c.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria Histórica III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo. Pode-se falar de uma história pública brasileira? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Org.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 307-314. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2020.e68243>.

ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.) *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 53-64.